

APRESENTAÇÃO

Muitas das investigações sobre os “lugares de passagem” e as experiências aparentemente sem solo fixo possibilitam um amplo questionamento dos antigos limites da história e de sua incessante invenção no presente. Entre nômades e sedentários, que há séculos parecem manter uma oposição completa entre si, uma miríade de mundos em trânsito não cessa de ser construída, inaugurando arquiteturas de urgência, subjetividades transnacionais, territórios híbridos, memórias construídas nas bordas da necessidade de esquecer ou contrariando o dever de lembrar, e, ainda, inusitadas maneiras de residir e, sobretudo, de migrar.

Este número da *Projeto História* reúne diferentes trabalhos sobre a intensidade dessas experiências itinerantes, constituintes de inúmeras relações entre nomadismo, memórias e fronteiras. Por vezes, tais relações parecem demasiadamente efêmeras ou, então, sem domicílio nem destino estável; mas, mesmo assim, elas podem gerar novas formas de sociabilidade e, ao mesmo tempo, garantir a transmissão de antigos costumes e ofícios. Vários textos aqui reunidos sugerem, ainda, o quanto algumas das fronteiras geográficas e políticas, criadas nas últimas décadas, podem vir a funcionar como promotoras de *apartheids*, tornando a exclusão social uma rotina. Além disso, alguns textos detectam os perfis violentos da desterritorialização provocada por guerras e conflitos entre grupos sociais divergentes, cujas referências ultrapassam as antigas cisões entre povos e nações.

Mas, de todo modo, é justamente na convivência com o que se tenta excluir ou dominar, no corpo a corpo com antigas e novas fronteiras, que milhares de homens e mulheres inventam suas histórias como nômades e sedentários ao mesmo tempo. E eles não são apenas andarilhos sem território fixo ou filhos de diásporas tornadas cada vez mais laicas e comezinhas na época contemporânea. São, sobretudo, engenheiros de seus próprios itinerários, cuja memória sugere uma sinfonia de paisagens que parece beirar o cruzamento de

todos os rumos. Essas paisagens nem sempre são espetaculares, fáceis de perceber ou possíveis de narrar. Articulá-las às relações entre nomadismo e fronteira é um modo instigante de fortalecer a escrita sobre todo tipo de deslocamento, seja ele cultural ou geográfico.

Em meio às recordações individuais e coletivas daqueles que vivem, por exemplo, em assentamentos, acampamentos, colônias novas ou fronteiras muito antigas emerge o desenho vivo da riqueza histórica de países como o Brasil. Ao longo da história brasileira, o desenraizamento, de ontem e hoje, coexiste com processos variados de reterritorialização, promotores da criação de novas cidades, tais como Brasília ou como aquelas que surgiram nos estados de Rondônia e Mato Grosso. Muito desse processo transformador não se separa de mecanismos violentos destinados ao controle social, envolvendo, por exemplo, as fronteiras entre o latifúndio e a recorrente expulsão de milhares de trabalhadores de suas terras. Mas, tal como este número da *Projeto História* vem demonstrar, a invenção de nomadismos e fronteiras constitui-se, também, por meio de lembranças, muitas delas nômade, em curso, em processo, e cuja escrita convida o historiador a afinar a escuta diante de trajetórias tão polifônicas quanto silenciosas. Mais do que lidar com contradições, trata-se, assim, de trabalhar com a coexistência de numerosos paradoxos, cuja força desloca constantemente as fronteiras da experiência dedicada a questionar o passado e o presente, abrindo espaço, portanto, para um nomadismo do pensamento e dos modos de questionar a história.

Denise Bernuzzi de Sant'Anna
Maria Antonieta Antonacci
Editoras Científicas